

**70 anos de Telejornalismo no Brasil:
A inauguração da TV Tupi e o Legado do Telejornal Imagens do Dia¹**

Edna de Mello SILVA²
Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O artigo apresenta o percurso histórico do telejornalismo no Brasil, com foco nos primeiros anos de implantação da TV no país, aprofundando a pesquisa sobre a base documental dos vídeos remanescentes da TV Tupi de São Paulo e do jornal impresso Diário de S. Paulo que integrava os Diários Associados de Chateaubriand. A investigação qualitativa, de caráter descritivo, aborda a discurso de Chateaubriand sobre a cerimônia de inauguração da primeira emissora de Tv no Brasil e estuda os arquivos de vídeo atribuídos ao primeiro telejornal brasileiro “Imagens do Dia”, na tentativa de compreender o contexto da chegada do jornalismo audiovisual no país.

PALAVRAS-CHAVE: história do telejornalismo; história da TV; Imagens do Dia; TV Tupi de São Paulo

Telejornalismo e Memória: uma narrativa em construção

Falar da memória da televisão e do telejornalismo no Brasil é um intenso mergulho em documentos dispersos na tentativa de reconstruir e dar sentido ao que é encontrado. Grande parte da literatura da história da televisão foi feita a partir dos depoimentos de quem trabalhou nas emissoras ou de pesquisadores do tema.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra e doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP) com pós-doutorado pela ECo-UFRJ. É docente do Curso de Design Educacional da Unifesp. É docente colaboradora do PPGCOM/UFT e coordenadora do GP de Telejornalismo da Intercom. É líder do Grupo de Pesquisa (CODE/Unifesp/CNPq). E-mail: edna.mello@unifesp.br; prof.ednamello@gmail.com.

O acervo dos registros audiovisuais é de propriedade das empresas, e algumas disponibilizam esses conteúdos em suas plataformas digitais mediante à adesão às assinaturas pagas de seus portais. Atualmente, as reportagens ou os telejornais são apresentados ao vivo pela televisão e geralmente ficam à disposição de assinantes ou de usuários nas plataformas ligadas às emissoras. No entanto, os programas mais antigos, anteriores à era digital, não estão disponíveis em sua íntegra. Algumas vezes porque os filmes utilizados nas filmagens das reportagens foram perdidos, outras porque as fitas foram reaproveitadas para outras gravações ou se perderam com o fechamento das emissoras.

No Brasil, não existe a obrigatoriedade do depósito de cópias da produção audiovisual de televisão como em alguns países, o que dificulta o acesso de pesquisadores ao acervo da programação dos telejornais. No entanto, é possível encontrar alguns trechos de programas nos sites de compartilhamento de imagens em vídeo ou no acervo dos centros de preservação de cultura como a Cinemateca Brasileira (São Paulo) e o Arquivo Nacional (Rio de Janeiro). Os jornais impressos por registrarem o cotidiano da cidade e possuir Editorias de Cultura também são excelentes fontes de pesquisa. Este trabalho é o resultado de compilação de dados oriundos de diversas fontes na tentativa de construir uma narrativa sobre o início da televisão e do telejornalismo no Brasil.

Busetto (2012) destaca que os pesquisadores brasileiros interessados na história da televisão no Brasil não contam com nenhum espaço público de arquivamento das produções, o que parece ser controverso em relação à centralidade que a televisão ocupa como fonte informativa dos brasileiros.

A maioria dos acervos da produção televisiva das últimas décadas segue constando, quando preservada e arquivada, nos centros de documentação das emissoras em atuação, quer sejam privadas, quer públicas. Os poucos registros que sobraram da produção de emissoras extintas se encontram pulverizados em diferentes locais, envoltos em indefinições quanto à sua propriedade e sujeitos a variadas situações de preservação. (BUSETTO, 2012, on-line, s.p.)

Neste artigo, apresentamos um percurso narrativo sobre a chegada da televisão no Brasil e sobre o telejornalismo em seus primeiros anos. Trata-se de uma grande “colagem” de registros esparsos, na tentativa de atribuir sentido à reconstrução histórica dos anos iniciais da mídia televisiva no país e seus desdobramentos nos dias de hoje. A base metodológica deste estudo é a Análise de Conteúdo (AC) com referência a Bauer (2012) e Bardin (1977), tendo como corpus analítico as notícias publicadas no jornal paulistano “O Diário de São Paulo”, dos Diários Associados, entre os meses de setembro a dezembro de 1950, presente no acervo da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, e os registros remanescentes da TV Tupi de São Paulo, restaurados pela Cinemateca Brasileira, e disponibilizado em seu portal.

A inauguração da TV Tupi: um negócio de Chateaubriand

Chateaubriand com o apoio político e financeiro do empresariado paulista conseguiu os recursos necessários para inaugurar a televisão no país e assim consolidar ainda mais seu grupo de comunicação. O empresário já havia demonstrado sua capacidade persuasiva na captação de recursos anos antes, em 1947, para a criação do Museu de Arte de São Paulo, cuja primeira sede foi no prédio dos Diários Associados, localizado na Rua Sete de Abril, em pleno centro da capital paulista. Chateaubriand já era um empresário de sucesso, dono de uma cadeia de jornais em quase todos os estados brasileiros, revistas e de uma rede de 25 emissoras de rádio quando se aventurou com a mídia televisiva. Neste contexto, a chegada da TV no Brasil foi uma grande aventura do capital privado, tal como ocorreu nos EUA, de quem adquiriu a tecnologia para implantação da nova emissora.

A chegada dos caminhões, carregados de equipamentos comprados da empresa norte-americana NBC, em janeiro de 1950, foi amplamente divulgada pelos jornais e nos rádios, criando um clima de expectativa para a novidade. Uma pré-estreia da televisão ocorreu em 04 de julho de 1950 para um seleto grupo que esteve presente nas cerimônias de inauguração formal do Museu de Arte de São Paulo e do Edifício Guilherme Guinle, sede dos *Diários Associados*, na Rua Sete de Abril, 130 – região central da cidade. Na ocasião foram instalados dois monitores de televisão, um no saguão do edifício e outro do lado de fora do prédio, a poucos metros de distância, na esquina das ruas Sete de Abril e Bráulio Gomes. Durante o evento, ao final dos discursos das autoridades houve a apresentação do frei José Francisco de Guadalupe Mojica, que cantou seus sucessos. (MORAIS, 1994, p. 498)

A transmissão oficial de inauguração da televisão brasileira só foi acontecer em 18 de setembro de 1950. A solenidade, realizada nos estúdios do Alto do Sumaré onde a emissora de TV foi instalada, contou com uma missa com a bênção dos equipamentos e com a transmissão do programa inaugural TV na Taba. A nova emissora de TV foi chamada de PRF-3 TV Tupi de São Paulo. O primeiro programa trouxe atrações musicais e foi encerrado com a apresentação do Hino da Televisão cantado por Lolita Rodrigues. Eram poucos os televisores disponíveis na cidade, por isso muitas pessoas se aglomeraram diante das vitrines de lojas e dos aparelhos que foram espalhados pelo centro da capital. Nascia a televisão brasileira com uma importante vocação para o entretenimento.

No acervo da TV Tupi restaurado pela Cinemateca é possível encontrar por meio do sistema de busca o único vídeo com data de 1950, com 25 segundos de duração, sem som. Neste vídeo aparecem as personalidades presentes na cerimônia de inauguração da TV Tupi por Assis Chateaubriand. Um vídeo disponível no Youtube e atribuído à Rede Globo de Televisão relativo aos 10 anos da emissora (1975) utiliza essas mesmas imagens com a locução de Homero Silva, o mesmo locutor presente na solenidade inicial. No texto (off) de Homero Silva ele destaca a presença da madrinha da televisão, Rosalina Lisboa Coelho Larragoiti. (figs. 1 e 2).



Fig. 1 – Homero Silva e A. Chateaubriand



Fig. 2 – Rosalina Larragoiti (madrinha da TV)

Durante o discurso na solenidade da inauguração da PRF 3 TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, reproduzido no Jornal Diário de S. Paulo, Chateaubriand fez agradecimentos especiais ao governador Adhemar de Barros, e à Diretoria do Banco do Estado por autorizar que o transmissor da televisão fosse colocado no alto do prédio da sede do banco, no centro da capital paulista.

Foram citados ainda na reportagem as empresas Companhia Antartica Paulista, a Sul América Seguros de Vida, o Moinho Santista, a Organização F. Pignatari, chamando a televisão de “máquina mais subversiva de influir na opinião pública”. Ainda segundo a matéria do Diário, assinada pelo próprio Chateaubriand, os anunciantes investiram o equivalente a 12 ou 18 meses de anúncios, conseguindo assim aferir 16 milhões de cruzeiros. A matéria continua falando que foi oferecido à R.C.A. em 1947 a quantia de 150 mil dólares para que os equipamentos necessários à implantação da TV no país começassem a ser produzidos. Rosalina Larragoiti, a madrinha da televisão brasileira, é a personagem mais citada da reportagem, destacando-se como uma personagem central do processo de captação dos recursos e do apoio político ao projeto.

Não poderia a estação televisiva paulista PRF 3 TV nascer sob melhores auspícios do que tendo a poetisa Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti como sua madrinha. Produzindo formoso discurso entregou aos paulistas a estação televisora de S. Paulo, a primeira da América Latina, já agora o novo e poderoso instrumento de cultura de que conta a nossa terra. A sua oração, na cerimônia inaugural, foi em tudo uma peça que o seu talento privilegiado e a sua altíssima inspiração compuseram para significar o acontecimento na cena cultural do Brasil. (CHATEAUBRIAND, 19/09/1950, p.2)

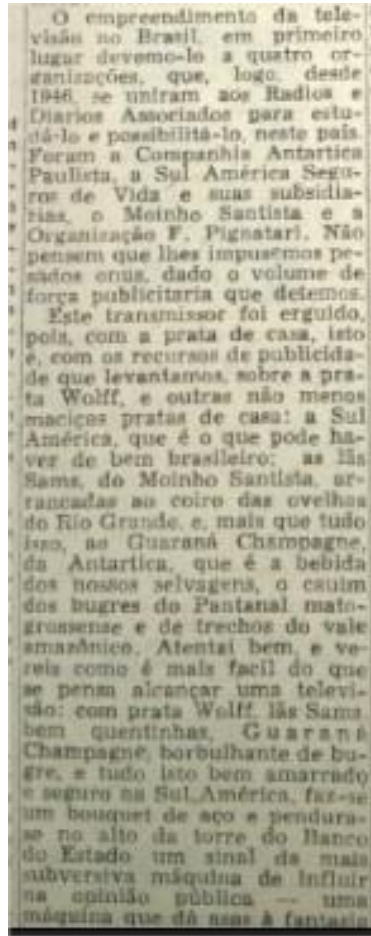


Fig. 3 – Jornal Diário de São Paulo – 19/09/1950

pág. 2

A notícia da inauguração da primeira emissora de televisão brasileira e da América Latina foi divulgada nos principais jornais impressos do país, enaltecendo a iniciativa de Chateaubriand e fazendo estimativas sobre o futuro do novo meio de comunicação. Em termos gerais foi muito positiva a avaliação inicial do sucesso do novo empreendimento. As reportagens destacavam principalmente o pioneirismo, a possibilidade de um novo tipo de entretenimento e as possibilidades de expansão da televisão com a implantação de antenas em outras cidades. Destacamos aqui a notícia publicada no jornal impresso “O Jornal do Rio de Janeiro” em 19 de setembro de 1950 (fig. 4) e a matéria publicada na “Revista O Cruzeiro,” edição de 28 outubro de 1950 (fig. 5).



Fig. 4 – Jornal do Rio de Janeiro – 19/09/1950 – pág.1



Fig. 5 – Revista O Cruzeiro – 28 de outubro de 1950 – págs. 34 e 35

Os televisores espalhados em postos estratégicos da capital paulista geraram grande interesse por parte da população. Os equipamentos precisavam ser importados e tinham alto custo quando comparados às rádios-vitrola (até 7 vezes mais caros), o principal aparelho eletrônico de som da família de classe média dos anos 50.

O telejornal pioneiro “*Imagens do Dia*”: herança do rádio e do cinejornal

A primeira exibição de um telejornal no Brasil aconteceu no dia seguinte à estreia da televisão no país, em 19 de setembro de 1950, quando o telejornal *Imagens do Dia* noticiou o desfile cívico-militar pelas ruas de São Paulo. O programa tinha notícias locais lidas pelo locutor Ruy Rezende, que era também produtor e redator do telejornal. As imagens eram produzidas em filme 16 mm, preto e branco, pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas.

Na época, a programação da TV Tupi de São Paulo começava a partir das 20 horas e o telejornal não tinha um horário certo para ser veiculado, pois dependia da programação a ser exibida antes. Todos os programas eram feitos ao vivo, pois não havia ainda o videoteipe. Os relatos de memória dos pioneiros da televisão brasileira dão conta de que o telejornal *Imagens do Dia* reproduzia em grande parte o modelo de noticiar herdado do rádio. O locutor lia as notícias em quadro (notas ao vivo). As imagens filmadas pelos cinegrafistas (quando existiam) eram apresentadas enquanto o locutor, ao vivo, narrava os acontecimentos (ALVES, 2008; LORÊDO, 2000).

No acervo da Cinemateca Brasileira relativa às produções da extinta TV Tupi de São Paulo há oito trechos de filmes restaurados atribuídos ao telejornal *Imagens do Dia*. Os filmes não possuem som, mas pela narrativa das imagens é possível perceber o tema das reportagens. A catalogação dos filmes produzida pelos pesquisadores da Cinemateca conservou as anotações feitas nas latas onde os filmes estavam arquivados, sendo assim o título das reportagens foram preservados. (fig.6)



Fig. 6 – Acervo do Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira (TV Tupi)
Filmes do Telejornal Imagens do Dia

O Imagens do Dia era apresentado de forma bastante simples: uma bancada com um microfone, com o locutor em quadro. As notícias ao vivo, no formato que chamamos hoje de nota ao vivo. Quando havia imagens do acontecimento, o locutor narrava o texto ao vivo enquanto as imagens eram exibidas, como uma nota coberta. Com a análise dos filmes atribuídos ao telejornal Imagens do Dia podemos inferir que suas pautas eram na maioria de alcance local, com poucos filmes de outras regiões (no acervo foi encontrado uma reportagem fora de São Paulo).

A primeira reportagem filmada exibida no primeiro telejornal brasileiro teria sido sobre o desfile cívico-militar da capital paulista ocorrido em 07 de setembro de 1950 (LINS, 2013). Dentro do contexto dos custos da filmagem e do processamento dos filmes era muito comum na época que alguns eventos ligados a cerimônias do governo fossem priorizados no registro em filmes. Não há imagens do desfile cívico que foi veiculado em 1950 pelo telejornal Imagens do Dia. Apesar disso, é possível inferir que o registro traria algumas sínteses imagéticas da solenidade, como um plano contendo o palanque com as autoridades, um plano geral com o público presente com destaque para as crianças e seus pais, trechos dos soldados em desfile representando as Forças Armadas, um plano com as armas de guerra e o perfilamento de soldados.

É possível deduzir que a influência do cinejornal pode ter sido marcante, na forma de reportar os acontecimentos, nos primeiros anos do jornalismo de televisão. Os cinejornais eram noticiários exibidos nos cinemas antes do filme principal, e apresentavam imagens dos acontecimentos da semana, notícias esportivas e na maioria das vezes informações ligadas à agenda dos governantes. O formato tradicional do cinejornal continha a exibição das imagens em planos abertos, com poucos cortes, acompanhados pela narração de um locutor (off). Por sua vez, o tipo de narração feita pelo apresentador do telejornal aproximava-se muito da locução radiojornalística cujo apoio principal era a voz.

Quadro 1 - Legado do Telejornal Imagens do Dia

Matrizes do Telejornalismo Brasileiro	
Enquadramento:	Plano Americano
Primeiro Plano	
Locução:	Apresentador - Radiofônico textos
Imagens externas:	Ilustram a matéria - Cinejornal
Exibição:	Horário Nobre: período da noite
Vinheta:	Nome do telejornal
Cobertura:	Local (proximidade)

Fonte: Elaboração própria

Outra característica fundante da televisão no Brasil que influencia o telejornalismo passa pelo entendimento de que não se trata de um modelo de prestação de serviços para a população e sim um tipo de negócio no mercado audiovisual. Esta diferença é fundamental para a compreensão da dependência econômica de anunciantes para captação de recursos para a produção de sua programação. Se há investimento, é esperado um retorno. A programação da televisão, inclusive os telejornais são patrocinados por empresas, desde sua inauguração. Nessa relação o espectador aceita consumir o produto anunciado e em troca assiste à programação patrocinada pelo investidor. Embora o telejornalismo traga esse compromisso relacionado à prática do jornalismo em si como promessa, quando se realiza nas emissoras, sem dúvida, recebe pressões que podem marcar o perfil editorial de cada programa e de cada rede de televisão.

Em tempo de considerações

Uma característica interessante das imagens atribuídas ao telejornal Imagens do Dia é que se referem principalmente a relatos do cotidiano e de eventos. A dinâmica da cidade de São Paulo no processo industrial trouxe algumas pautas para discussão do papel da família no novo contexto dos anos 50. A reportagem sobre as Crianças na Creche pressupõe que as mães dos bebês estavam trabalhando e impossibilitadas de cuidar dos próprios filhos em casa. A matéria intitulada “Robustez Escolar” mostrava profissionais da área da saúde mensurando o peso e a altura de crianças em idade escolar numa espécie de concurso. A ideia de que se trata de uma competição está implícita também em outros filmes sobre o mesmo tema restaurados pela Cinemateca e atribuídos a outros telejornais.

A cobertura de eventos como a abertura da Bienal de Artes e a reportagem sobre o cotidiano do Circo possibilitam a inferência de que se tratava de agenda de entretenimento e lazer para a família. Os temas da reforma do hidroavião Jahu e o sobre os objetos achados e perdidos no transporte público podem ser vinculados a pautas do cotidiano, matérias frias que são atemporais.

Tendo em vista a pouca utilização de imagens devido ao uso de filmes (película preto e branco) e a dificuldade do registro e do processamento do mesmo em tempo hábil para a veiculação na edição diária do telejornal, a presença de imagens dos eventos não era comum no noticiário televisivo, tornando o apresentador o personagem central da narrativa jornalística na tela.

A tradição da apresentação do telejornal acontecer ao vivo foi mantida durante os 70 anos do telejornalismo. A importância do apresentador também é notória até os dias de hoje, com a ressalva de que houve momentos no percurso histórico que esses profissionais eram locutores e não participavam da rotina produtiva do telejornal.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. **TV Tupi: uma linda história de amor**. São Paulo: IMESP, 2008.

BUSETTO, A. **Vale a pena ver de novo: organização e acesso a arquivos televisivos na França, Grã-Bretanha e no Brasil**. História vol.33 no.2 Franca July/Dec. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000200380>. Acesso em 01 out 2020.

CHATEAUBRIAND, A. **O sinal de televisão no céu de Piratininga**. Diário de S. Paulo. 19 set 1950. p. 1.

DESFILE DE 07 DE SETEMBRO NO MUSEU DO YPIRANGA. Acervo da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/filmes/449191>>. Acesso em 21 ago 2020.

ENTRA O BRASIL NA ERA DA TELEVISÃO. Jornal do Rio de Janeiro. 19 de setembro de 1950.

LINS, Flávio. Uma aventura chamada Tupi: os primeiros anos da televisão brasileira. Rumores. número 13 . volume 7 . janeiro-junho 2013.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Allegro, 2000.

MIGUEL, Luís Felipe. **Retrato de uma ausência: a mídia nos relatos da história política do Brasil**. Rev. bras. Hist., São Paulo , v. 20, n. 39, p. 191-199, 2000 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Ago. 2020.

MORAIS, F. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

SILVA, A. **A televisão para milhões**. Revista O Cruzeiro. 28 de setembro de 1950. Disponível em: < <https://www.facebook.com/LiveTVTupi> >. Acesso em 01 out 2020.

TV ANO 25 (1975). Bau da TV. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=1dRIgY-MIAs> >. Acesso em 20 ago 2020.